

# Guerra mundial: o caso SARS-Co V-2



POR

**Isabel de Santiago**

Professora Convidada  
e Investigadora FMUL

Há muitas instituições, muitos camaradas, administradores hospitalares amigos da ministra da Saúde e ainda assim cada vez mais descontentes com a política de saúde que é uma política de doença. A saúde está em desgraça, desgoverno e sem estratégia de comunicação em saúde pública junto dos jovens. Eles deveriam ser os aliados nesta pandemia e os alunos de Medicina desenham estratégias para este fim. Alguém os ouve? Não! A ministra da Saúde sabe tudo.

Há quem da sua equipa diga “coitada dela, está cansada”. Também os portugueses. De ouvir os seus lugares-comuns. E aqueles, sem trabalho, sem pão e a ficar doentes? Mas há sempre muitas promessas. Acrescenta-se uma permanente chantagem, pelo primeiro-ministro (que a escolheu, despedindo o antecessor), porque ela serve a ex-

trema-esquerda. E ainda há as ameaças de demissão perante o possível chumbo do Orçamento do Estado.

Os velhos sofrem isolados, matam-nos e às suas humildes rotinas. Na encíclica Fratelli Tutti, o Papa Francisco sublinha que “toda a guerra deixa o Mundo pior que o encontrou”. A guerra mundial desta doença tem demonstrado um total fracasso nas estratégias políticas e nas políticas de saúde pública. Em Portugal, temos o mundo da ciência a defender um conjunto de medidas, versus Conselho Nacional de Saúde Pública alinhado à Esquerda. Resumindo: populismos extremos, à Esquerda e à Direita.

Instituiu-se o medo num autoritarismo que vai ter um custo: bloqueios em populismos de chantagem com o Governo vs. ministra da Saúde com uma arrogância e body language repreensível em entrevista de TV. Será que ninguém nunca lhe ensinou que é deselegante estender-se com ar de escárnio durante a entrevista? Parafrazeando Leal da Costa, as autoridades sanitárias caíram em descrédito. Mas o crédito maior morreu com políticos que não merecem o respeito do seu povo que é usado nesta guerra mundial de doença.